

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I

SETEMBRO DE 1895

N.º 9

Cultos luso-romanos em Igeditania

Duas inscripções ineditas

O Sr. Juiz de Direito, Dr. João Baptista de Castro, meu prezado amigo, possuía no jardim de uma sua casa no Fundão duas aras luso-romanas de que me deu conhecimento em Setembro de 1892, em Mangualde, e que eu, no mesmo mês, fui ver e examinar no proprio local em que estavam, no Fundão.

Achei interessantes estes dois monumentos da religião dos nossos antepassados, e escrevi ao Sr. Dr. Castro pedindo-lhe que consentisse que elles fossem depositados na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde já havia outros monumentos do mesmo genero. S. Ex.^a, da melhor vontade, acquiesceu ao meu pedido, e as aras deram entrada na Bibliotheca Nacional em Outubro do mesmo anno.

No officio que o Sr. Inspector Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos dirigiu ao Sr. Dr. Castro, em 28 de Outubro de 1892, diz-se o seguinte, que aqui reproduzo, por essas palavras serem muito justas: «Mostrou V. Ex.^a, dando aquelle consentimento, quanto se interessa pelo engrandecimento do nosso Museu, de que os dois referidos monumentos são d'ora avante as não menores curiosidades, como documentos da historia antiga da Lusitania: por isso, em nome do público estudioso, agradeço vivamente a V. Ex.^a a sua generosidade».

Com relação á proveniencia das aras, e vicissitudes por que passaram, lê-se em carta que o Sr. Dr. Castro me escreveu:

«Incontestavelmente aquellas aras foram recolhidas ali naquella velha casa [no Fundão] no principio do seculo por um sabio, que foi medico no Fundão, chamado Dr. Silva, o qual deixou a casa a sua mulher, que a arrendou por 1835 a meus tios. Pela morte da proprietaria pertenceu a casa á Fazenda Nacional, que a vendeu em

hasta publica, arrematando-a meus tios com as referidas aras, ainda em peores condições do que estão hoje. Durante a vida de meus tios sempre as referidas pilastras foram conservadas com muito cuidado, servindo de entrada ôu ornato a um pequeno jardim, que havia no quintal da casa.»

O local preciso em que as aras primeiro appareceram deve ter sido Idanha-a-Velha, supposição que em breve justificarei.

Passarei agora á descripção das aras.

1. Ara da deusa romana VICTORIA

É de granito. Mede de altura 0^m,92; de largura no corpo 0^m,30. Na parte superior ha uma abertura ou *foculus*, de 0^m,22 de diametro. A inscripção occupa a face anterior do corpo do monumento (sete linhas) e a parte superior e anterior da base (duas linhas).

Eis a inscripção:

1	tONCIVS
	tONCETAMI
	FVMILES
	SIGNIFER
5	cOH♡II♡LVS
	VIQTORIAE
	V♡S♡L♡M
	<hr/> <hr/>
	ARDVNNVS
9	COMINI♡F♡FE

Na 1.^a e 2.^a linha falta já uma lettra, que é sem dúvida alguma T, como se verá da outra inscripção. Na linha 5.^a falta tambem uma lettra, que é evidentemente C. Na 1.^a e 2.^a linhas a 4.^a lettra, embora, como veremos, deva ser G, tem a fórma de C.

Na 3.^a linha e na ultima, F significa *filius*. Na mesma 3.^a linha VMILES significa V(*eteranus*) MILES, como noutra inscripção que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, v-2, n.º 5818. *Miles signifer*, simplesmente, lê-se tambem numa inscripção de Viseu: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 403.

Na 5.^a linha as lettras cOH significam COH(*ortis*), e as lettras LVS significam LVS(*itanorum*); esta última fórma encontra-se por extenso no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 432.

Na 6.^a linha a palavra VIQTORIAE offerece Q em vez de C, facto de que ha exemplos analogos no latim provincial: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Supplem.*, pag. 1184. A 6.^a linha contém a conhecida fórmula V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) M(*erito*).

Na 9.^a linha COMINI está por COMINI(*i*), facto vulgarissimo; e FE está por FE(*cit*), abreviatura que se mostra noutras inscripções peninsulares, e extra-peninsulares.

O nome *Tongius* encontra-se noutras inscripções de Portugal, e em inscripções de Hespanha: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 302, 749,



757, etc. Este nome é muito provavelmente derivado da raiz celtica *tong-*, sobre a qual cfr. *Revue Celtique*, XVI, 122; nella entra a ideia de «juramento».

O nome *Tongetamus* encontra-se noutra inscripção de Idanha-a-Velha: vid. *C. I. L.*, II, 447. Não são estes os unicos exemplos d'elle na Peninsula: *ib.*, *ib.*, *5255 e 5334. Quanto á sua etymologia, consulte o eminente celtista francês o Sr. Prof. H. d'Arbois de Jubainville, que me disse em carta de 17 de Julho de 1895: «*Tongetamus* me semble être un superlatif d'un thème tongi-; cfr. *ointam*, *caelebs* (*Grammatica celtica*, 2^o ed., p. 301), le gaulois *cunctamus*; la racine paraît être la même que celle de *tongu*, irlandais, *je jure*».

O nome *Ardunnus* não o tenho encontrado noutros documentos, nem da Peninsula, nem de fóra. Como não sou celtista, deixo aos especialistas o averiguarem se entra nelle o thema *ardu-*, de que trata Holder no *Alt-celtischer Sprachshatz*, s. v., e que tem represen-

tantes em celtico, e noutras linguas indo-europeias. Á cêrca do suff. *-unn-* vid. Zeus, *Grammatica celtica*, 2.^a ed., p. 774. *Ardunnus* conterá acaso uma ideia analoga á do lat. *arduus* («alto, ingreme»).

O nome *Cominius* encontra-se noutra inscripção da Idanha-a-Velha: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 436. Talvez seja celtico: vid. Holder, *Alt-celtischer Sprachschztz*, s. v.

Traducção da inscripção:

Tongio, filho de Tongetamo, soldado veterano, porta-bandeira da cohorte 2.^a dos Lusitanos, cumpriu de boa mente o voto á Victoria. Ardunno, filho de Cominio, fez [este monumento].

Sobre as cohortes, ou corpos auxiliares do exercito romano, vid. Hübner, *La arqueologia en España [y Portugal]*, p. 150-156. Da cohorte 2.^a dos Lusitanos creio que não ha outra noticia senão a que é ministrada pela inscripção transcripta; talvez esta cohorte militasse fóra da Peninsula. Mencionam-se outras cohortes lusitanas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 432, e *Supplem.*, 5238.

2. Ara da deusa lusitana TREBARUNA ¹

Como a antecedente, é tambem de granito. Tem de altura 0^m,93, de largura no corpo 0^m,31. Superiormente tem um *foculus*, de 0^m,22 de diametro. A inscripção occupa a cornija (uma linha) e a face anterior (seis linhas) do corpo do monumento.

A inscripção é como se segue:

1	ARA POS
	=====
	TONCIVS
	TONCETMI
	F·ICAEDIT
5	MILIS
	TREBARVNE
7	L M ♡ V ♡ S

¹ A respeito de Trebaruna publiquei já o seguinte:

— uma pequena noticia nas *Novidades*, n.º 2618, de 24 de Novembro de 1892;
 — um opusculo com o titulo de *Trebaruna (deusa lusitana), ode heroica*, Barcellos 1895, 18 p. in-8.º — com prologo, notas e glossario.

A 1.^a linha deve entender-se ARA(m) POS(uit). Como no latim vulgar o *m* final não se pronunciava, os canteiros deixavam muitas vezes de o representar nas inscrições: vid. outros exemplos de ARA por ARAM no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 677, 1966, 2350, etc.

À cerca de TONCIVS, TONCETMI e F vid. as notas á inscrição precedente. A sigla M por AM não é rara.

Na 4.^a linha ICAEDIT significa IGAEDIT(anus), estando também C por G, como é vulgar na epigraphia.

Na 5.^a linha a fórma popular MILIS está por MILES. As



inscrições extra-peninsulares offerecem outros exemplos: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, v-1, n.º 1591, 1593; iv, n.º 1994, 2157.

Na 6.^a linha, que encerra o nome da veneranda deusa, está TREBARVNE em vez de TREBARVNAE (dativo); simples E em vez do ditongo AE é facto tão vulgar, que não vale a pena citar mais exemplos; NE por NE também não é facto digno de estranheza.

Traducção:

Tongio, filho de Tongetamo, Igeditano. (i. e., de Idanha-a-Velha), soldado, dedicou esta ara a Trebaruna, cumprindo de boa mente o voto que lhe tinha feito.

Vê-se que o dedicante da ara da deusa Trebaruna foi o mesmo que o da ara da deusa Victoria.

Quaes os attributos de Trebaruna?

A linguistica poderá ser aqui de algum soccorro. O mencionado professor e celtista, o Sr. H. d'Arbois de Jubainville, a cuja amabilidade recorri, perguntando-lhe pela etymologia de *Trebaruna*, respondeu-me o seguinte, em carta de 21 de Junho de 1895: «Quant à votre déesse Trebaruna, son nom semble bien devoir s'expliquer par une langue celtique. Il faudrait corriger *TREBORUNA. TREBO- signifie *maison* (Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, p. 137) et RUNA *secret* (ibid., p. 236). *TREBORUNA voudrait donc dire: *secret de la maison*». O Sr. A. Holder, auctor do *Diccionario* ou *Thesouro do antigo celtico*, que a cima citei, tambem, em carta de 17 de Maio de 1894, fallando-me do nome da deusa, lhe attribuiu a mesma significação: *mysterium habitationis*¹. A passagem de *TREBORUNA para TREBARUNA não me parece que seja phenomeno phonetico difficil de se admittir perante as leis geraes da vida da linguagem.

Assim, a ser exacta a interpretação dos celtistas, a nossa deusa teria não só origem celtica, mas seria, pelo menos originariamente, um *penate*, um *genio domestico*, um espirito sobrenatural, a cujo cargo estaria o velar pela casa em que, segundo a crença, elle habitava.

Acontece frequentemente, no desenvolvimento dos cultos religiosos, que a esphera dos attributos de uma divindade se alarga, e que essa divindade, que a principio presidia só a determinadas funcções, vem com o andar do tempo a presidir a outras diversas.

Talvez tambem succedesse isto com Trebaruna: de divindade caseira passaria a ser divindade guerreira. Em Roma deu-se um facto analogo: Marte, que na primitiva era um deus relacionado com os campos, tornou-se posteriormente a encarnação divina da guerra². A minha supposição a respeito de Trebaruna funda-se em as duas aras terem sido erectas em nome do mesmo individuo, que em ambas affirma o seu character militar, e consagradas ambas a deusas femininas, de que uma é a Victoria romana, pertencendo provavelmente ao mesmo templo, o que poderia explicar o existirem hoje ainda juntas, e terem quasi o mesmo feitio e dimensões.

Na implantação do paganismo romano deu-se muitas vezes o seguinte facto: um deus indigena foi assimilado a um deus romano, e ou este passou a ser adorado no mesmo templo ao lado d'aquelle, ou

¹ A mesma raiz celtica *t r e b* - parece entrar no nome do povo iberico *Artrabi* ou *Arotrebae*: vid. Jubainville in *Revue Celtique*, xv, 4.

² Cfr. L. Preller, *Römische Mythologie*, 3.^a ed., I, 339-340, etc.

dos dois nomes, o latino e o barbaro, fez-se a denominação de um só deus. No seu livro *Études sur les idiomes pyrénéens*, Paris 1879, falla A. Luchaire do deus barbaro *Erge* ou *Erce*, que foi identificado com *Marte*, e venerado com elle no mesmo santuario, existindo umas estelas em que se lê ERGE DEO, e outras em que se lê MARTI DEO; á cêrca do deus *Leherenno*, igualmente assimilado a *Marte*, cita Luchaire umas inscripções em que se lê LEHERENNO DEO, outras em que se lê DEO MARTI, e outras, em que, em virtude da fusão completa dos cultos, se lê já LEHERENNO MARTI¹.

Por tanto a deusa Trebaruna podia ser adorada com a Victoria no mesmo templo. Todavia não quero dar á minha hypothese mais valor do que o que ella tem; para ella se transformar em facto positivo era necessario que apparecesse uma inscripção em que os nomes TREBARVNA e VICTORIA estivessem enlaçados de modo analogo áquelle em que ha pouco vimos os deuses de que falla Luchaire, e como os quaes muitos outros eu poderia aqui citar, se d'isso se necessitasse.

O facto de Tongio ser igeditano, de apparecerem, como notei, noutras inscripções de Idanha-a-Velha alguns nomes iguaes aos que apparecem nestas, e de o Sr. Dr. João Baptista de Castro me dizer que as aras não são originarias do Fundão, mas vieram de outro ponto (embora indeterminado) da Beira-Baixa para lá, levam-me a admittir que as duas aras pertencem effectivamente a Idanha-a-Velha. Em tal caso, um soldado, ao partir para a guerra, teria feito um voto, e depois cumprido a promessa, a uma deusa romana, e a outra da sua terra natal. Dá-se ainda a coincidencia de nas inscripções da região igeditana, publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, existir uma, que Rufo, filho de Tangino, consagrou tambem á Victoria. O culto da deusa romana ficará assim attestado por dois documentos.

A ser de Idanha, como supponho, a ara de Trebaruna, deusa lusitana, mas, ao que parece, de origem celtica, não era Trebaruna a unica divindade indigena adorada na região igeditana nos tempo dos Romanos: ha uma inscripção de ao pé de Capinha, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 454, em que Ammino, filho de Andaitia, satisfaz uma promessa ao deus barbaro *Bandiarbariaico*. Neste nome entrará por ventura o radical celtico band-, a respeito do qual vid. Holder,

¹ *Ob. cit.*, pag. 57 e 59.

Alt-celt. Sprachschatz, s. v., e Reinach in *Revue Archéologique*, 3.^a serie, xxvii, 125; á cêrca do suffixo *-aico*, verosimilmente celtico, vid. Adolpho Coelho in *Revista de Guimarães*, III, 169 sqq., e H. Gaidoz in *Revista Lusitana*, I, 278.

Alem dos nomes celticos, já citados, existentes nas inscripções de Idanha, talvez outros haja ainda nessas inscripções, pois ellas contém muitos nomes não latinos.

Do estudo que acabo de fazer, conclue-se que á população ou populações antiquissimas de Idanha se sobrepuseram duas, bem averiguadas por documentos historicos: uma, segundo todas as probabilidades, celtica, revelada em nomes de homens e de divindades; outra, romana.

A população celtica manteve ahi ainda algum tempo a sua religião sob o dominio romano; mas as divindades romanas, como a Victoria, de que fallei a cima, e Marte e Juppiter, que constam de outras inscripções publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 435 e 436, foram pouco a pouco succedendo ás divindades indigenas.

J. L. DE V.

Excursão á Torre de D. Chama

Ás tres horas e meia da manhã do dia 19 de Maio de 1895, saímos de Valpaços com destino á Torre de Dona Chama. Era pequena a



Fig. 1

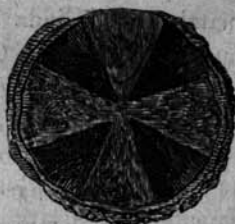


Fig. 2

companhia: os Srs. A. A. de Carvalho, Eduardo de Campos (Carcavellos) e eu. Ver a *berrôa* do largo do Pelourinho era o nosso fim; mais felizes, porém, vimos outras cousas que não contavamos se nos deparassem e são tambem dignas de se especializarem, alem d'esse monolitho.